

NA CAVE

Um filme de **Ulrich Seidl**

IN THE BASEMENT


**indie
lisboa**
12º Festival Internacional
de Cinema Independente


**MOSTRA INTERNAZIONALE
D'ARTE CINEMATOGRAFICA
la Biennale di Venezia 2014**
Veneza 71 – Fora de Competição



SINOPSE CURTA

O filme é sobre pessoas e caves e o que as pessoas fazem nas suas caves, no seu tempo livre. O filme é sobre obsessões. O filme é sobre música de fanfarra e árias de ópera, sobre mobília cara e piadas machistas baratas, sobre sexualidade e tiro, actividade física e fascismo, chicotes e bonecas.



SINOPSE LONGA

O filme é sobre pessoas e caves e o que as pessoas fazem nas suas caves, no seu tempo livre. O filme é sobre obsessões. O filme é sobre música de fanfarra e árias de ópera, sobre mobília cara e piadas machistas baratas, sobre sexualidade e tiro, actividade física e fascismo, chicotes e bonecas.

Após a sua ambiciosa PARADIES-TRILOGIE (TRILOGIA DO PARAÍSO), Ulrich Seidl regressa ao formato documentário com IM KELLER (NA CAVE). Um filme-ensaio, simultaneamente engraçado e triste, que usa os quadros cinematográficos característicos do realizador, para explorar o subsolo da alma austríaca.

SETE PERGUNTAS AO REALIZADOR

Entrevista de Markus Keuschnigg

Sobre caves, é seguro dizer que quase toda a gente tem uma, quase ninguém revela a sua. Pode dizer-nos como fez a investigação para o seu filme? Foi à procura de caves específicas?

De facto, foi difícil ter acesso às pessoas e às suas caves. É relativamente fácil descobrir o normal, banal, inofensivo. Muitas pessoas têm todo o gosto em exibir as suas caves, mas o que se encontra são sobretudo zonas de passatempos, para oficinas, actividade física ou festas, ou mesmo caves inteiras consagradas ao modelismo ferroviário ou à colecção de bases para cerveja do marido. Mas eu estava à procura de abismos e como é que se descobre isso? Como é que se descobrem pessoas que têm alguma coisa a esconder? Após várias semanas de pesquisa – que consistiram, essencialmente, em bater porta a porta – os resultados foram tão frustrantes que nos começámos a concentrar em temas mais divulgados: armas ou carreiras de tiro subterrâneas, por exemplo, e explorámos a cena sadomasoquista. Foi meio ano antes de podermos sequer começar a filmar, apesar de a procura de mais pessoas e locais se ter prolongado por muito tempo. Agora que já está pronto, sei que IM KELLER é um filme em que se podia continuar a trabalhar, continuar a filmar, sem alguma vez esgotar o assunto.



Que verdades é que os austríacos, em particular, e as pessoas, em geral, guardam na cave?

Para os austríacos, a cave tem um significado que pode não existir noutros países. Os austríacos passam, frequentemente, o seu tempo livre na cave. Lá em baixo, eles – homens, pais, donas de casa, casais ou crianças – podem ser quem quiserem. Lá em baixo, podem satisfazer as suas necessidades, passatempos, paixões e obsessões. A cave é um local de tempo livre e do privado. Mas, para muitas pessoas, a cave é também um sítio do inconsciente, um sítio de escuridão e um sítio de medo. Para algumas pessoas, isso nasce da experiência pessoal; para outras, de uma memória de infância. De facto, a cave era e é um esconderijo, um sítio de crime secreto, um sítio de maus tratos e violação, um sítio de cativeiro, tortura e violência.

Porque é que, depois da trilogia de ficção PARADIES, regressou ao formato documentário com este filme?

Para mim, pessoalmente, e para o meu trabalho artístico, é, muito simplesmente, essencial estar constantemente a mergulhar de novo na realidade. Os meus filmes de ficção alimentam-se de e inspiram-se frequentemente nisso. Conhecer outras pessoas e mundos tem sempre sido e continua a ser muito enriquecedor. O que não significa que é sempre agradável.

Contacta-se repetidamente com a vida e destinos, testemunha-se repetidamente as armadilhas em que as pessoas nasceram ou para as quais deslizaram. A humanidade nunca deixa de me surpreender: aquilo a que as pessoas se submetem, para satisfazer os seus desejos, cumprir as suas obrigações, sublimar as suas insuficiências, representar a sua necessidade de poder ou reprimir a sua sexualidade. Ou como as pessoas lutam pela sua dignidade, um pouco de afecto, um pouco de felicidade. Frequentemente, aquilo que vivo e testemunho apodera-se de mim. Frequentemente, fecho a porta abalado. Frequentemente, fico consternado com as imagens do que as pessoas fazem umas às outras, habitualmente sem más intenções.

É normal. Percebe-se e sente-se os abismos escondidos ali – e, na melhor das hipóteses, também se percebe os próprios abismos.

Em todos os seus filmes, procura e encontra verdades que não são, necessariamente, realistas. Refiro-me à célebre integração de técnicas estilísticas documentais e ficcionais que está no cerne do seu cinema. Dizendo de outra forma: não seria um filme de Seidl, se facto e ficção não estivessem intricadamente entrelaçados. Penso, por exemplo, nas cenas com a mulher e as bonecas bebés. Pode falar-nos um pouco mais sobre elas?

Como sempre, nos meus filmes, empreende-se uma viagem ao encontro do desconhecido, de sítios e pessoas desconhecidos. Tem-se determinadas ideias, tem-se um conceito em mente – e, com tudo isso, mergulha-se na realidade. Para mim, nunca se trata de ilustrar essa realidade. Em vez disso, eu quero descobrir a minha própria visão da realidade que encontro.

A perspectiva que se tem da realidade é o olhar cinematográfico que dá forma a essa realidade. Através dele, eu tento mostrar o que vejo, aquilo que me toca, aquilo que quero revelar aos meus espectadores. Com o meu olhar cinematográfico, eu tento abordar os meus protagonistas e reunir fragmentos fílmicos da realidade, nenhum dos quais é completo ou definitivo.

A mulher com as bonecas bebés é um bom exemplo de como, dada a minha abordagem à realidade, a narração fílmica é, por vezes, inventada. A mulher que interpreta essas cenas com a boneca tinha mesmo um desses bebés Reborn, surpreendentemente realistas, no seu apartamento, mas não na cave. A história que o filme conta – a saber, que esta mulher tem vários “bebés” escondidos na cave com quem fala todos os dias – é uma história inventada. Só o cenário é real. As cenas foram filmadas na cave dela.

Os fios condutores do filme têm a ver com pessoas cujas paixões e interesses estão longe de ser socialmente aceitáveis, enquanto que a cave dos passatempos ou a cave das festas ou a lavandaria tradicionais são apenas representadas nos quadros de Seidl. Porque é que privilegia o extremo?

Não o faço. Reconheço que muito poucos de nós têm um retrato de Hitler pendurado na parede, mas a rejeição e o ódio ou a indiferença em relação ao Outro encontra-se em todo o lado.

O socialmente aceitável, como diz, é apenas um verniz. Por baixo disso, encontra-se o privado, a verdade, a vida real. Se o âmago do filme é composto de extremos é porque eu acredito que esse “extremo”, assumindo uma forma ou outra, modificado ou diluído, aplica-se a todos nós. Nenhum de nós é imune à xenofobia, todos temos os nossos medos e abismos – sejam simpatias fascistas, tendências para a violência reprimidas, desejos de poder não declarados ou repressão ou fantasias sexuais que se desviam da chamada normalidade. Porque a violência e os maus tratos, sejam físicos ou psicológicos, ocorrem em todas as instituições sociais, públicas e privadas, de orientação religiosa ou progressiva-secular. Onde quer que as pessoas tenham a possibilidade de exercer poder sobre outras, há opressão, humilhação, exploração e abuso.

Os crimes de Wolfgang Priklopil e Josef Fritzl, pedófilos famosos, cada um dos quais manteve uma jovem presa, durante anos ou décadas, conduziram a uma visão distorcida, noutros países, da Áustria e das suas caves. Isso motivou-o ou desencorajou-o a fazer este filme?

Nem uma coisa, nem outra. A ideia para este filme teve origem muito antes de esses crimes virem a público. Ocorreu-me na altura de HUNDESTAGE (DIAS DE CÃO) (2001), quando estava a fazer reconhecimento





de locais com a minha equipa, em subúrbios, a explorar e a meter o nariz em urbanizações, desertos urbanos, casas geminadas e guetos de habitações unifamiliares. Quanto mais lares visitava e a mais caves descia, mais me apercebia de que as divisões da cave eram, frequentemente, mais sumptuosas do que as zonas de habitação propriamente ditas e que os moradores dessas habitações preferiam as caves às salas de estar e passavam lá mais tempo.

A sala de estar era, frequentemente, só para inglês ver. Isso, para mim, era novo, uma nova tomada de consciência. Depois, nos últimos anos, como todos sabemos, a Áustria ganhou uma infeliz notoriedade a nível mundial, por causa das suas caves. Coisas que nunca se poderiam imaginar eram uma realidade. Por isso, é preciso aceitar o facto de que, independentemente da forma ou daquilo de que o meu filme trata ou mostra, independentemente do filme que se fizer sobre este tema, na mente do público, os crimes de Fritzl e Kampusch estarão sempre presentes.

Apesar do seu rigor enquanto realizador e do poder emocional das histórias, IM KELLER (NA CAVE) está também cheio de humor. Vários dos seus protagonistas contam piadas perante a câmara. No seu universo cinematográfico, o divertido e o desagradável andam de mãos dadas.

O humor é importante em todos os meus filmes, mas o que é novo aqui são as piadas machistas obscenas. Também elas, de certo modo, descrevem realidades. Elas ocultam fantasias sexuais masculinas, racismo e sexismo sob um disfarce supostamente "humorístico", que é socialmente aceitável. Frequentemente, ao filmar uma cena, perguntava a mim próprio: Devo rir ou chorar? Talvez deva dar continuidade a isso. Talvez, um dia, deva fazer um filme que consista apenas em piadas machistas obscenas.

SOBRE O REALIZADOR

Ulrich Seidl nasceu em 1952, em Viena (Áustria).

É realizador, autor e produtor. Começou a sua carreira com documentários premiados, como GOOD NEWS (BOAS NOTÍCIAS) (1990), TIERISCHE LIEBE (AMOR ANIMAL) (1995) e MODELS (MODELOS) (1998).

A primeira longa-metragem de Seidl, HUNDESTAGE, ganhou o Prémio Especial do Júri, no Festival de Cinema de Veneza, em 2001.

A IMPORT/EXPORT (IMPORTAÇÃO/EXPORTAÇÃO) (2007), o primeiro filme a ser produzido pela sua própria produtora, seguiu-se a bem-sucedida e multipremiada PARADIES-TRILOGIE (2012).

Os três filmes estrearam nas secções competitivas dos festivais de cinema mais importantes do mundo: Cannes, Veneza e Berlim. IM KELLER (NA CAVE) (2014), um filme-ensaio, é o seu trabalho mais recente.



RITUAIS DE VIDA E MORTE

Um ensaio de Olaf Möller, inspirado em IM KELLER (NA CAVE)

Do rés-do-chão para cima, fazemos teatro, representamos. A sociedade é imitada, encenada como vida quotidiana: charada, mascarada, actuação. Mas viver, libertar tudo, satisfazer as nossa excentricidades – isso acontece na cave, onde as visitas não são permitidas – por vezes, nem sequer outros membros da família. Por baixo da superfície, banhados por luz artificial que faz a pele parecer de cera, doentia, moribunda... podemos ser nós próprios, divertirmo-nos, brincar com todas as ideias que, um andar acima, são indesejáveis, senão mesmo perseguidas e punidas por lei.

Lá em baixo, encontra-se um tipo de realização que não quer, nem precisa, de dar graxa às exigências da cultura tal como definidas pelos meios de comunicação social e a sociedade. Na cave, pode-se matar e ver matar e exhibir autoconfiança ao matar; pode prestar-se homenagem a Mad King Ludwig e ao Führer e ao Senhor Salvador, tudo ao mesmo tempo; pode ser-se batido alegremente até atingir o orgasmo, ser pendurado pelos tomates ou atado numa cadeira de exame ginecológico e ser-se generosamente lambido com a língua. Lá, há música. Lá, é aconchegado. Lá, o tempo pode parar ou acelerar em direcção a um amanhã que parece totalmente possível.



Lá, repetidamente, morte e amor parecem a mesma coisa e exigem poses semelhantes: o homem que assiste à sua serpente a devorar a presa atrás do vidro adota a mesma postura de humildade devota enquanto escravo de amor, de gatas, à espera, em frente à sanita, que lhe permitam lamber a sua mestre até ficar limpa, depois de ela acabar de fazer chichi.

Enquanto que lá em cima está a abarrotar de mobília e quinquilharias, bom gosto e intenções ainda melhores, lá em baixo é minimalista: só foi adquirido o que é necessário para levar a cabo fantasias. Aqui, até o conjunto de divisões cheias até cima com quadros (reproduções) e medalhas e armas e manequins de montras vestidos com uniformes nazis parece espartano, porque está consagrado a uma única obsessão, uma *idée fixe*, um local de mito e pessoa. Mas uma tal opulência de mercado de massas (do tipo mais perturbador, politicamente) é a excepção. A maior parte das divisões são reminiscências de igrejas românicas subestimadas e sóbrias, puros lugares de adoração.

A carreira de tiro subterrânea, por exemplo, é uma zona abobadada, equipada com um sistema de cabos simples e automático, para fazer ir e vir as reproduções de alvos humanos, e com divisórias de madeira simples entre cabines individuais. As divisões de sadomasoquismo estão igualmente livres de adornos: um banco para chicotadas, uma vitrine para brinquedos sexuais, uma estante para chicotes, palmatórias e cordas, uma cadeira bondage rodeada de castiçais, aqui talvez uma corrente, ali uma mesa, possivelmente uma cabine de duche e uma sanita, mas de resto, nada, nada de nada que não desempenhe um papel na realização de desejos complementares.

Ou será aquilo, talvez, uma pá, no chão de uma das caves? Não se consegue separar as esferas com tanta precisão, as coisas sobrepõem-se. Afinal de contas, só um curto caminho de acesso separa a rua e a garagem subterrânea. Do exterior, pode vislumbrar-se o que está no interior, em baixo, e se se olhar com a luz certa e do ângulo correcto, tem-se uma boa ideia do tipo de fantasmas que a cave abriga. Por seu lado, o escravo de amor tem de limpar a casa de banho com a língua, lavar a louça na cozinha e, no quarto, acariciar e dar prazer à sua mestre.

A cultura dos nossos tempos finge que os sentimentos, necessidades, medos e aflições podem ser separados com precisão – como se para tudo houvesse uma gaveta, e uma única gaveta, se faz favor, a encher de acordo com a etiqueta. Mas, aparentemente, não é assim que as coisas funcionam, no mundo. Nem é desejável que assim seja.

Pois a cave dá origem a todas as energias que fazem rodopiar a nossa existência ao nível da rua. Há forças subterrâneas e subversivas em acção, antissociais e não direccionadas, num mundo que absurdamente pretende ser guiado por objectivos. Na cave, articulam-se todas as contradições e perversões que o rés-do-chão nos tenta martelar como anormais. Uma prostituta mamalhuda e aparentemente afável explica, por exemplo, que desistiu do trabalho de vendas a retalho, porque era tratada como um número e tinha de ser sempre simpática, independentemente do quão horríveis eram os clientes. E uma masoquista a sorrir timidamente revela ser uma funcionária da instituição de caridade católica Cáritas, que trabalha com mulheres vítimas de abusos: na sua alma, o eros privado e a experiência da violência masculina nas relações tornaram-se inextricavelmente entrelaçados.


REVISTA DE IMPRENSA

O que as pessoas guardam na cave, frequentemente, revela mais acerca delas do que uma pessoa gostaria de saber, opina IM KELLER. Esta última e ultrajante oferenda vem de Ulrich Seidl, o cronista da alma católica austríaca, cuja trilogia ficcional PARADIES (LIEBE (AMOR), GLAUBE (FÉ) E HOFFNUNG (ESPERANÇA)), literalmente, pôs tudo a nu. Com um prato a abarrotar de corpos obesos, disformes e frequentemente nus, envolvidos em actos indescritíveis, este documentário não desapontará os seus entusiastas. - *The Hollywood Reporter*

Trabalhando, pela primeira vez, com o brilhante director de fotografia Martin Gschlacht – mais conhecido pelo seu trabalho igualmente geométrico com a compatriota Jessica Hausner – Seidl encontrou o concretizador criativo ideal para a sua visão. A escuridão cuidadosamente calibrada dos esquemas de iluminação de Gschlacht e a acuidade do seu enquadramento aparentemente feito com pinças sugere, frequentemente, mais acerca destes “personagens” do que eles estão dispostos a dizer sobre si próprios. - *Variety*

O realizador austríaco Ulrich Seidl é um mestre do realismo cruel, um observador impassível do lado mais sórdido da natureza humana. O título do seu último filme – um regresso ao formato documentário dos primeiros – sugere mais uma viagem às profundezas, especialmente à luz da notoriedade que determinadas caves austríacas alcançaram nos últimos anos. (...) IM KELLER acaba por ser um filme de fascínio irónico, uma viagem irresistivelmente estranha a um espaço doméstico onde desejos reprimidos são representados e onde tabus sociais e políticos têm rédea solta. - *Screen Daily*

Áustria | 2014 | 81 min

Distribuído por  alamblque

